

***Mega Hair* — Romy Pocztaruck**

Texto: Renato Rezende

O que imediatamente chama a atenção na obra de Romy Pocztaruck, mais do que a precisão técnica de suas imagens (no caso das fotografias) ou a materialidade sintética, quase monocromática, de seus objetos (como as esculturas da exposição ***Mega Hair***), é a alta voltagem poética com a qual ela, de forma controlada, diríamos com olhar e corpo serenos, elabora e expressa o conceito de ruína. Numa entrevista ainda no início de sua carreira, a artista se refere às ruínas de maneira simples, mas plena de sentidos: “Me fascina o significado que elas têm para as cidades, acho que é uma forma interessante de olhar para o passado e projetar o futuro e, ao mesmo tempo, reviver sentimentos e acontecimentos.” Foi em Berlim, longe portanto de seu país de origem, que ela descobriu a força simbólica dos lugares abandonados, como locais de certo modo fora do tempo, como se para sempre em suspenso, ponto potencial do encontro e confronto entre passado e presente. Em Berlim, Romy produziu o vídeo Traumberg (2010) e no ano seguinte, artista em constante processo itinerante, as fotografias da série Fordlândia, sobre os vestígios (as casas, as estradas, os escritórios abandonados) do malogrado projeto industrial americano em plena floresta amazônica.

No dismantelo arquitetônico das ruínas, os materiais de construção se revelam – a madeira, os tijolos, as esquadrias, os blocos de cimento – e a presença humana,

ZIPPERGALERIA

como um grito alto e lancinante, é invocada justamente pela força de sua ausência, pelo silêncio imposto por aqueles locais inóspitos. Pois o testemunho das ruínas é também, necessariamente, o testemunho da expatriação e do exílio. Uma vez destruídos, transformados em destroços e escombros, uma vez que uma parede deixa de ser uma parede de uma sala ou escritório e vai recuperando sua identidade de tijolos, uma vez que uma mesa deixa de ser mesa e revela seu primado como madeira, é a própria fragilidade e temporalidade humanas que se desvelam – nós, seres plásticos e versáteis em constante processo de itinerância em reconstrução. A mais recente exposição de Romy, *Eu nunca fui para o Japão* (2024), elabora sobre essa capacidade de ressignificação humana ao retratar as metamorfoses identitárias da comunidade japonesa em São Paulo.

Sem ter, além de uma afinidade eletiva, nenhum vínculo com o Japão, Romy Poczturuk pode complexificar a experiência de uma população imigrada há várias gerações; e poderíamos com proveito debater como e até que ponto a artista é informada pelo movimento Mono-ha, ou como, por outro lado, as obras expostas em ***Mega Hair*** tensionam de maneira enriquecedora os conceitos de peso e leveza, espaço arquitetônico e corpo, materiais orgânicos e inorgânicos, cultura e natureza. Mas creio que, para além do frutífero tensionamento desses supostos pares de opostos, a potência poética da obra de Romy – e as esculturas de ***Mega Hair*** são exemplos notáveis disso – propõe um ponto de incidência e demonstração. Tudo é construção e, portanto, tudo é breve, em suspensão (algumas esculturas, sem preciso ponto de apoio, parecem flutuar); os blocos de cimento ganham a leveza do cabelo (que não são naturais, e nem precisariam ser). Matéria orgânica e inorgânica não apenas se encontram, mas se igualam. A cultura não seria apenas uma segunda natureza, seria a única natureza possível para a pessoa contemporânea.